

irmão? Qual será o mais infeliz: o mendigo sem responsabilidade, a não ser a de sua própria manutenção, ou um pai carregado de filhinhos a lhe pedirem pão?

Como André o observasse, com grande brilho nos olhos, maravilhado com as suas explicações, o Mestre acentuou:

— Sim, amigos! ditosos os que repartirem os seus bens com os pobres; mas, bemaventurados também os que consagrarem suas possibilidades aos movimentos da vida, cientes de que o mundo é um grande necessitado, e que sabem assim servir a Deus com as riquezas que lhes foram confiadas!

Em seguida, Zaqueu mandou servir uma grande mesa ao Senhor e aos discípulos, onde Jesus partiu o pão, partilhando do contentamento geral. Impulsionado por um júbilo insopitável, o chefe publicano de Jericó apresentou seus filhos a Jesus e mandou que seus servos festejassem aquela noite memorável para o seu coração.

Nos terreiros amplos da casa, crianças e velhos felizes cantaram hinos de cariciosa ventura, enquanto jovens em grande numero tocavam flautas, enchendo de harmonias o ambiente.

Foi então que Jesus, reunidos todos, contou a formosa parábola dos talentos, conforme a narrativa dos apóstolos, e foi também que, pousando enternecido e generoso olhar sobre a figura de Zaqueu, seus lábios divinos pronunciaram as imorredoiras palavras: — "Bemaventurado sejas tu, servo bom e fiel!"

XXIV

A ILUSÃO DO DISCIPULO

Jesus havia chegado a Jerusalém sob uma chuva de flores.

De tarde, após a consagração popular, caminhava Tiago e Judas, lado a lado, por uma estrada antiga, marginada de oliveiras, que conduzia às casinhas alegres de Betania.

Judas Iscariote deixava transparecer no semblante íntima inquietação, enquanto no olhar sereno do filho de Zebedeu fulgurava a luz suave e branda que consola o coração das almas crentes.

— Tiago — exclamou Judas, entre ansioso e atormentado — não achas que o Mestre é demasiado simples e bom para quebrar o jugo tirânico que pesa sobre Israel, abolindo a escravidão que oprime o povo eleito de Deus?

— Mas — replicou o interpelado — poderias admitir no Mestre as disposições destruidoras de um guerreiro do mundo?

— Não tanto assim. Contudo, tenho a impressão de que o Messias não considera as oportunidades. Ainda hoje, tive a atenção reclamada por doutores da lei que me fizeram sentir a inutilidade das pregações evangelicas, sempre levadas a efeito entre as pessoas mais ignorantes e desclassifica-

das. Ora, as reivindicações do nosso povo exigem um condutor energico e altivo.

— Israel — retrucou o filho de Zebedeu, de olhar sereno — sempre teve orientadores revolucionarios; o Messias, porém, vem efetuar a verdadeira revolução, edificando o seu reino sobre os corações e nas almas!...

Judas sorriu algo ironico e acrescentou:

— Mas, poderemos esperar renovações, sem conseguirmos o interesse e a atenção dos homens poderosos?

— E quem haverá mais poderoso do que Deus, de quem o Mestre é o Enviado divino?

Em face dessa invocação, Judas mordeu os labios, mas prosseguiu:

— Não concordo com os principios de inação e creio que o Evangelho somente poderá vencer com o amparo dos prepostos de Cesar, ou das autoridades administrativas de Jerusalém, que nos governam o destino. Acompanhando o Mestre nas suas pregações em Cesaréia, em Sebaste, em Corazin e Betsaida, quando das suas ausencias de Cafarnaum, jamais o vi interessado em conquistar a atenção dos homens mais altamente colocados na vida. E' certo que de seus labios divinos sempre brotaram a verdade e o amor, por toda parte; mas, só observei leprosos e cegos, pobres e ignorantes, abeirando-se de nossa fonte.

— Jesus, porém, já nos esclareceu — obtemperou Tiago, com brandura — que o seu reino não é deste mundo.

Imprimindo aos olhos inquietos um fulgor estranho, o discipulo impaciente revidou com energia:

— Vimos hoje o povo de Jerusalém atapetar o caminho do Senhor com as palmas da sua admiração e do seu carinho; precisamos, todavia, impor a figura do Messias ás autoridades da Côte Provincial e do Templo, de modo a aproveitarmos esse surto de simpatia. Notei que Jesus recebia as homenagens populares sem partilhar do entusiasmo

febril de quantos o cercavam, razão por que necessitamos multiplicar esforços, em lugar dele, afim de que a nossa posição de superioridade seja reconhecida em tempo oportuno.

— Recordo-me, entretanto, de que o Mestre nos asseverou certa vez que o maior na comunidade será sempre aquele que se fizer o menor de todos.

— Não podemos levar em conta esses excessos de teoria. Interpelado que vou ser hoje por amigos influentes na politica de Jerusalém, farei o possivel por estabelecer acordos com os altos funcionarios e homens de importancia, afim de imprimirmos novo movimento ás idéias do Messias.

— Judas! Judas!... — observou-lhe o irmão de apostolado, com doce veemencia — vê lá o que fazes! Socorreres-te dos poderes transitorios do mundo, sem um motivo que justifique esse recurso, não será desrespeito á autoridade de Jesus? Não terá o Mestre visão bastante para sondar e reconhecer os corações? O habito dos sacerdotes e a toga dos dignitarios romanos são roupagens para a Terra... As idéias do Mestre são do céu e seria sacrilegio misturarmos a sua pureza com as organizações viciadas do mundo!... Além de tudo, não podemos ser mais sabios, nem mais amorosos do que Jesus e ele sabe o melhor caminho e a melhor oportunidade para a conversão dos homens!... As conquistas do mundo são cheias de ciladas para o espirito e, entre elas, é possivel que nos transformemos em órgão de escandalo para a verdade que o Mestre representa.

Judas silenciou, atormentado.

No firmamento, os derradeiros raios de Sol batiam nas nuvens distantes, enquanto os dois discipulos tomavam rumos diferentes.

*

Sem embargo das carinhosas exortações de

Tiago, Judas Iscariote passou a noite tomado de angustiosas inquietações.

Não seria melhor apressar o triunfo mundano do Cristianismo? Israel não esperava um Messias que enfeixasse nas mãos todos os poderes? Valendo-se da doutrina do Mestre, poderia tomar para si as rédeas do movimento renovador, enquanto Jesus, na sua bondade e simpleza, ficaria entre todos, como um símbolo vivo da idéia nova.

Recordando suas primeiras conversações com as autoridades do Sinédrio, meditava na execução de seus sombrios designios.

A madrugada o encontrou decidido, na embriaguez de seus sonhos ilusorios. Entregaria o Mestre aos homens do poder, em troca de sua nomeação oficial para dirigir a atividade dos companheiros. Teria autoridade e privilegios politicos. Satisfaria ás suas ambições, aparentemente justas, afim de organizar a vitoria cristã no seio de seu povo. Depois de atingir o alto cargo com que contava, libertaria a Jesus e lhe dirigiria os dons espirituais, de modo a utiliza-los para a conversão de seus amigos e protetores prestigiosos.

O Mestre, a seu ver, era demasiadamente humilde e generoso para vencer sózinho, por entre a maldade e a violencia.

Ao desabrochar a alvorada, o discipulo impudente demandou o centro da cidade e, após horas, era recebido pelo Sinédrio, onde lhe foram hipotecadas as mais relevantes promessas.

Apesar de satisfeito com a sua mesquinha gratificação e desvairado no seu espirito ambicioso, Judas amava ao Messias e esperava, ansiosamente, o instante do triunfo, para lhe dar a alegria da vitoria cristã, através das manobras politicas do mundo.

O premio da vaidade, porém, esperava a sua desmedida ambição.

Humilhado e escarnecido, seu Mestre bem

amado foi conduzido á cruz da ignominia, sob vilipendios e flagelações.

Daqueles labios, que haviam ensinado a verdade e o bem, a simplicidade e o amor, não chegou a escapar-se uma queixa. Martirizado na sua estrada de angustias, o Messias só teve o maximo de perdão para seus algozes.

Observando os acontecimentos, que lhe contrariavam as mais intimas suposições, Judas Iscariote se dirigiu a Caifaz, reclamando o cumprimento de suas promessas. Os sacerdotes, porém, ouvindo-lhe as palavras tardias, sorriram com sarcasmo. Debalde recorreu ás suas prestigiosas relações de amizade: teve de reconhecer a falibilidade das promessas humanas. Atormentado e aflito, buscou os companheiros de fé. Encontrou-os vencidos e humilhados; pareceu-lhe, porém, descobrir em cada olhar a mesma exprobração silenciosa e dolorida.

Já se havia escoado a hora sexta, em que o Mestre expirara na cruz, implorando perdão para seus verdugos.

De longe, Judas contemplou todas as cenas angustiosas e humilhantes do Calvario. Atroz remorso lhe punha a consciencia dilacerada. Lagrimas ardentes lhe rolavam dos olhos tristes e amortecidos. Mau grado á vaidade que o perdera, ele amava intensamente ao Messias.

Em breves instantes, o céu da cidade impiedosa se cobriu de nuvens escuras e borrascosas. O mau discipulo, com um oceano de dor na consciencia, peregrinou em derredor do casario maldito, acaalentando o proposito de desertar do mundo, numa

suprema traição aos compromissos mais sagrados de sua vida.

Antes, porém, de executar seus planos tenebrosos, junto á figueira sinistra, ouvia a voz amargurada do seu tremendo remorso.

Relampagos terríveis rasgavam o firmamento; trovões cavernosos pareciam lançar sobre a terra criminosa a maldição do céu vilipendiado e esquecido.

Mas, sobre todas as vozes confusas da natureza, o discípulo infeliz escutava a voz do Mestre, consoladora e inesquecível, penetrando-lhe os refolhos mais íntimos da alma:

— “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém pode ir ao Pai, senão por mim!...”

XXV

A ÚLTIMA CEIA

Reunidos os discípulos em companhia de Jesus, no primeiro dia das festas da Pascoa, como de outras vezes, o Mestre partiu o pão com a costureira ternura. Seu olhar, contudo, embora sem trair a serenidade de todos os momentos, apresentava misterioso fulgor, como se sua alma, naquele instante, vibrasse ainda mais com os altos planos do invisível.

Os companheiros comentavam com simplicidade e alegria os sentimentos do povo, enquanto o Mestre meditava, silencioso.

Em dado instante, tendo-se feito longa pausa entre os amigos palradores, o Messias acentuou com firmeza impressionante:

— Amados, é chegada a hora em que se cumprirá a profecia da Escritura. Humilhado e ferido, terei de ensinar em Jerusalém a necessidade do sacrificio proprio, para que triunfe definitivamente a verdade. O mundo ha conhecido apenas uma especie de vitoria, tão passageira quanto as edificações do egoismo ou do orgulho humano. Os homens têm aplaudido, em todos os tempos, as tribunas douradas, as marchas retumbantes dos exercitos que se glorificaram com despojos sangrentos, os grandes ambiciosos que dominaram á